

# TRADUÇÃO: UMA TRANSPARÊNCIA DO TRADUTOR<sup>1</sup>

Stella E. O. Tagnin<sup>2</sup>  
Sidney Camargo<sup>3</sup>

**Resumo:** Os autores aplicam o modelo de Juliane House (2) para a avaliação da qualidade de uma tradução a um texto de divulgação e sua tradução para o português no âmbito da auto-ajuda. De acordo com o modelo, uma tradução deve ser um texto semântica e pragmaticamente equivalente ao texto-fonte, equivalência essa assegurada desde que ambos os textos tenham a mesma função. A aplicação do modelo permitiu determinar a função interpessoal do texto-fonte, avaliar em que medida a tradução mantém essa função e até mesmo traçar um perfil pessoal bastante preciso do tradutor.

**Unitermos:** Tradução. Avaliação qualitativa. Abordagem funcional.

*Abstract:* The authors apply Juliane House's model (2) for translation quality assessment to a self-help text and its Brazilian translation. The model claims that a translation text should be semantically and pragmatically equivalent to the source-text. This equivalence is assured if both texts are shown to have the same function. Through the application of the model it was possible to determine the interpersonal function of the source-text, assess to what extent the translation expresses the same function and even reveal quite precise personal traits of the translator.

*Key-words:* Translation. Quality assessment. Functional approach.

Este trabalho pretende mostrar como, a partir de um modelo de avaliação da qualidade de uma tradução, se pode traçar o perfil da obra original, de sua tradução e do próprio tradutor.

O modelo teórico é apresentado por Juliane House (2) em sua obra *A model for translation quality assessment*. Para a autora, "a essência da tradução reside na preservação do 'significado' através de duas línguas diferentes", e esse "significado" apresenta três aspectos básicos: o semântico, o pragmático e o textual. O aspecto semântico refere-se à relação entre as unidades lingüísticas e seus referentes num mundo possível – o aspecto denotativo, portanto. O aspecto pragmático diz respeito à correlação entre as unidades lingüísticas e o(s) usuário(s) numa situação comunicativa – o aspecto discursivo, portanto. O aspecto textual visa a manter a conexão das unidades lingüísticas maiores, das sentenças sucessivas que formam o texto. A tradução, segundo a autora, é a "substituição de um texto na língua de partida por um texto semântica e pragmaticamente equivalente na língua de chegada" (pp. 29-30). O primeiro requisito para assegurar a equivalência semântico-pragmática é que o texto traduzido tenha uma *função* equivalente à do texto de partida.

Para poder definir a função de um texto, a autora parte das funções de linguagem propostas por Halliday: função ideativa e função interpessoal. Através da função ideativa, a linguagem expressa o conteúdo, enquanto na função interpessoal a linguagem serve para estabelecer a relação entre o autor e o leitor.

Para estabelecer a função do texto, a autora propõe as seguintes *Dimensões do uso da linguagem*:

1. MEIO: *Simples*, ou seja, um texto escrito para ser lido, ou *Complexo*, isto é, qualquer texto diferente do anterior, podendo ser escrito a) para ser falado como se não

fosse escrito (texto de teatro); b) para ser falado (discurso político, sermão); ou c) não necessariamente para ser falado, isto é, para ser lido como se fosse ouvido.

2. PARTICIPAÇÃO: *Simples*, apenas do escritor, ou *Complexa*, em que o escritor solicita a participação do destinatário através do uso específico de pronomes, imperativos, interrogativos, exclamações etc.

3. PAPEL SOCIAL: *Simétrico*, quando há solidariedade e igualdade entre escritor e destinatário, e *Assimétrico*, quando há uma relação de autoridade entre os dois. Cabe ainda fazer uma distinção entre papel *permanente* (por exemplo, um professor, um padre etc.) e um papel *situacional* (por exemplo, um padre em visita a uma prisão).

4. ATITUDE SOCIAL: são os registros de formalidade, baseados nos cinco estilos propostos por Joos: *rígido, formal, consultativo, casual e íntimo*, podendo haver estilos de transição do tipo consultativo-casual. O mais neutro é o consultativo.

5. ÁREA: o campo de atividade profissional ao qual o texto está ligado.

Essas dimensões se realizam lingüisticamente em três níveis: sintático, lexical e textual. A análise dessas dimensões vai resultar num perfil do texto que servirá de norma para julgar a equivalência entre T2 e T1, ou seja, servirá para avaliar a qualidade dessa tradução.

## FUNÇÃO DO TEXTO

O texto a ser analisado é o livro *Go for it!* da Dra. Irene Kassorla (3). O texto apresenta uma função ideativa e uma função interpessoal. No nível ideativo, a autora apresenta ao leitor suas experiências como psicoterapeuta. No nível interpessoal ela pretende persuadi-lo de que tem a capacidade de se transformar, desenvolvendo seu

potencial. A função ideativa nunca está claramente marcada, pois mesmo quando a autora compartilha essa informação, ela a está usando como exemplificação para alcançar seu objetivo de persuasão. A função interpessoal, por outro lado, domina a obra e transparece em todas as dimensões do uso da linguagem:

1. MEIO: a autora quer que o leitor imagine estar ao lado dela, conversando – isto ela deixa explícito no texto – e para tanto lança mão de todos os recursos possíveis nesta dimensão para criar uma impressão de linguagem falada.

2. PARTICIPAÇÃO: o componente interpessoal é enfatizado pelo uso de meios sintáticos que criam a ilusão de um diálogo com o leitor.

3. PAPEL SOCIAL: nesta dimensão a autora compartilha sua experiência como psicóloga. No entanto, seu constante esforço em se igualar ao leitor reforça o componente interpessoal por meio do uso do pronome de primeira pessoa do plural inclusivo.

4. ATITUDE SOCIAL: uso de linguagem coloquial, com traços de linguagem falada; ausência total de linguagem técnica. Os únicos termos “técnicos” empregados são *psychology*, *psychotherapist*, *psychotherapy*, *session*, que, atualmente, já são de domínio público.

5. ÁREA: é evidente o caráter didático do texto, na medida em que a autora usa recursos estilísticos de repetição e ênfase. A repetição constitui um dos recursos básicos do aprendizado – e da persuasão.

## COMPARAÇÃO E AVALIAÇÃO

Por razões práticas, os exemplos citados foram extraídos em sua quase totalidade do prefácio (pp. 13-19). Analisado o texto origi-

nal e confrontado com sua tradução (4) para o português, foram detectadas incongruências nas seguintes dimensões:

### 1. Meio

- T1. *YOU CAN LEARN THESE SKILLS, TOO. AND YOU CAN BECOME A WINNER* (p. 13).  
 T2. VOCÊ TAMBÉM PODE APRENDER ESSAS TÉCNICAS. E TORNAR-SE UM VENCEDOR.

O tradutor omite *YOU CAN* na segunda oração, rompendo a ligação icônica.

- T1. *You can learn how to EXPAND your hidden capacities [...] you can favorably alter your personality and make remarkable POSITIVE transformations* (p. 14).  
 T2. É possível aprender a EXPANDIR as nossas forças ocultas [...] alterando para melhor a nossa personalidade e operando NOTÁVEIS transformações.

Houve ruptura total da ligação icônica (*you can*) e substituição do pronome de segunda pessoa, um dêictico, por um de primeira pessoa do plural, um dêictico de referencial diferente.

- T1. BECOME THE STAR (p. 16).  
 T2. SER A ESTRELA.

Substituição de um imperativo exortativo por um infinitivo.

Todas essas incongruências provocam uma diluição das características da linguagem falada.

### 2. Participação

- T1. *You can learn how to [...]*  
 T2. É possível aprender [...]

O tradutor transformou *you can* numa estrutura impessoal.

- T1. [...] *you can positively affect the lives of your family, your neighbors, your colleagues and your friends* (p. 16).  
 T2. [...] está em condições de afetar realmente a vida da família, dos vizinhos, dos colegas e dos amigos.

Omissão de *you* antes da forma verbal *está* e omissão de todos os pronomes possessivos, diminuindo o teor de participação do leitor/ouvinte.

### 3. Papel Social

- T1. *I want you to take my hand now, so we can get started on our journey into developing the MAGIC OF YOU* (p. 17).  
 T2. Agora pegue na minha mão para começar a jornada da descoberta de SUA MAGIA.

Omissão de *I want you to*, apagando o interesse que a autora demonstra pelo leitor, além da omissão dos pronomes de primeira pessoa do plural, que neste caso se referem especificamente à autora + leitor, omitindo a participação ativa que a autora pretende ter no processo (*our journey*). O recurso do qual a autora lança mão evidencia sua busca de simetria, de se colocar ao lado do leitor, busca essa anulada pelo tradutor.

Nesta dimensão, portanto, o tradutor empobrece os recursos da autora para atingir uma relação de simetria com o leitor.

### 4. Atitude Social

- T1. [...] *perhaps you have wondered* [...] (p. 15)  
 T2. [...] talvez tenha acudido a sua mente [...] em vez de *talvez você tenha pensado*, uma opção bem menos formal e mais adequada.

Vale ainda mencionar aqui um exemplo flagrante de registro inadequado, embora não tenha ocorrido no prefácio:

- T1. [...] *blurred the vision* (p. 8)  
 T2. [...] obnubilavam a visão

em vez de *embaçavam a vista*. Em inglês, as palavras monossilábicas, como *blur*, de origem anglo-saxônica, são típicas de um registro coloquial, enquanto as palavras de origem latina são marcadamente mais formais. A opção do tradutor recaiu sobre uma palavra que, praticamente, ainda mantém sua forma latina original (*obnubilare*). *Embaçar*, por sua vez, é formado de *em* + *baço*, do latim *opacius*, mas que sofreu transformações fonéticas ao passar para uma linguagem menos erudita.

Os exemplos acima refletem sempre uma opção mais formal por parte do tradutor, quando o registro do original é de caráter consultativo-casual.

### 5. Área

Nesta dimensão o tradutor faz uma série de omissões ao longo do trabalho, comprometendo o caráter didático, e portanto enfático, pretendido pela autora.

#### ERROS FLAGRANTES

O tradutor comete erros flagrantes, tanto em nível denotativo quanto em nível de ruptura de L2. Dentre os de nível denotativo podemos mencionar:

##### 1. Erros de Acréscimo

- T1. [...] *I think I've probably heard all of the possible dreams* [...] (p. 13)  
 T2. [...] penso que já ouvi falar de todos os sonhos [...]

*Heard* foi traduzido erroneamente por *ouvi falar*, que implica uma posição de in-

intermediário, que não é o caso da autora, uma psicoterapeuta que *ouve* diretamente de seus pacientes.

## 2. Erros de Seleção

T1. [...] *this has been an important part of my therapy* (p. 13)

T2. isso fez parte importante de minha terapêutica.

Aqui a seleção errada se dá em dois níveis: lexical, em que seleciona o verbo *fazer* em vez de *ser*, e sintático, em que opta pelo pretérito perfeito para traduzir o *present perfect*, perdendo-se a idéia de que a ação perdura no presente. Além disso, usa a palavra *terapêutica* por *terapia*.

T1. [...] *we will take a close psychological look at* [...] (p. 17)

T2. [...] teremos uma visão psicológica bem próxima de [...]

O tradutor parece desconhecer o fato de que *take a look* é uma expressão idiomática que significa *dar uma olhada, examinar*, bem como que o adjetivo *close* neste contexto significa *minucioso*. Esse desconhecimento o leva a uma tradução literal inadequada.

T1. YOU WILL FEEL GREAT [...] (p. 18)

T2. VOCÊ SE SENTIRÁ GRANDE [...]

Novamente temos uma tradução literal que deixa transparecer o desconhecimento das conotações da linguagem menos formal.

T1. *Can "regular folks" who worry about paying bills, having a good relationship with their spouses or getting a small raise move into the winning circle, too?* (p. 15)

T2. As "pessoas normais", que se preocupam com as contas no fim do mês, que se dão bem com seu cônjuge ou recebem pequeno aumento, podem entrar igualmente para o círculo dos vencedores?

*Pessoas normais* foi a seleção feita, quando na realidade se trata de *pessoas comuns*. *Pessoas normais*, num contexto psicológico, pode significar algo muito diferente de *pessoas comuns*. Além disso, o tradutor não percebe que *worry about*, uma relativa da oração principal, domina as três orações participiais seguintes: *paying...*, *having...*, *getting...*, traduzindo corretamente apenas a primeira – embora aqui também faça uma nominalização, omitindo o verbo presente no original – e transformando as duas restantes em relativas diretamente dominadas pela oração principal, distorcendo, dessa forma, completamente o sentido do período.

Outro erro de seleção – crucial – é a tradução de uma das palavras-chave da obra: *loser*. A autora focaliza sua experiência na dicotomia *winner/loser* – um binômio consagrado – que constitui obviamente uma metáfora alusiva a um jogo esportivo. Como a autora não admite a possibilidade de uma derrota cabal, portanto nunca entende a vida como um jogo terminado ou como um processo irreversível, a opção de *derrotado* ou *vencido* torna-se insustentável. No início do livro, o tradutor faz uso de três palavras: *perdedor*, *derrotado* e *vencido*, e conserva esta última ao longo de toda a tradução, cometendo, portanto, duplo erro: o uso de três alternativas para apenas uma no original, e a manutenção de uma das alternativas impróprias. É óbvio que a única possibilidade neste contexto é *perdedor*, porque a intenção da autora é persuadir o leitor de que ele pode virar um vencedor, da mesma maneira que se pode virar um jogo.

Dentre os erros flagrantes que provocam ruptura de L2, são dignos de nota os de aceitabilidade duvidosa:

T1. [...] *make so many of their dreams come true* (p. 13)

T2. [...] tenha conseguido materializar tantos de seus sonhos.

Em português costumamos dizer *realizar sonhos*.

T1. [...] *the great leaders of history* [...] (p. 15)

T2. [...] os grandes condutores de povos [...]

Além de fazer uma seleção inadequada ao traduzir *leaders* por *condutores* e *history* por *povos*, obtém uma combinação de aceitabilidade duvidosa em português, pois neste caso uma tradução literal é perfeitamente aceitável: *líderes da história*.

A comparação entre T1 e T2 demonstra incongruências em todas as dimensões, além de inúmeros erros flagrantes. As incongruências na dimensão Meio causam uma diluição das características da linguagem falada. Em Participação fica reduzido o apelo direto ao leitor, através das substituições quase que sistemáticas de *you* por *we* ou pelo uso de estruturas impessoais. Fica também enfraquecido o aspecto da ação, ou seja, o apelo que a autora faz para que o leitor aja, devido, em grande parte, às frequentes nominalizações feitas pelo tradutor. Na dimensão Papel Social ficou seriamente afetada a busca de simetria pretendida pela Autora. As opções mais formais na dimensão Atitude Social aumentam a distância entre a Autora e o leitor, contrariando a intenção do texto. Também o caráter didático na dimensão Área ficou comprometido pelas omissões sistemáticas do recurso expressivo da repetição. Verificamos, portanto, que a função primordial do texto, a função interpessoal, foi violada em todas as dimensões.

#### A TRANSPARÊNCIA DO TRADUTOR

Embora esse modelo de avaliação focalize apenas as incongruências e os erros, é preciso ressaltar que, sempre que o texto apresenta uma linguagem mais literária, principalmente nas epígrafes, nos poemas e em algumas citações, o tradutor saiu-se muito bem. Entretanto, a linguagem predom-

inante do texto é de registro coloquial, nível com o qual o tradutor parece estar pouco familiarizado. Isso transparece nas traduções literais que faz das fórmulas convencionais da linguagem, sejam as assim chamadas expressões idiomáticas, sejam as combinações consagradas. Esse tipo de tradução nos permitiria enquadrar o tradutor na categoria de *innocent speaker* proposta por Fillmore (1), cuja característica principal é a de fazer uso de uma semântica composicional, ou seja, de uma semântica em que o significado de uma estrutura é obtido através da soma dos significados dos elementos que a compõem. Em outros termos, uma leitura literal.

Outro aspecto que foi possível detectar foi o fato de o tradutor, em muitos momentos, deixar transparecer uma atitude negativa em relação ao texto, por vezes condensando idéias ou então omitindo repetições deliberadamente feitas pela autora. Esses constituem exemplos típicos de uma Atitude de impaciência do tradutor frente ao texto.

Ainda outra atitude negativa é sua flagrante negligência para com o texto. Por exemplo, no primeiro capítulo aparece, como subtítulo de uma seção "The Five-Hundred-Year Plan" (p. 23), traduzido como "Plano Quinquenal". Na linha seguinte lemos *Do you have 500 years to live?*, traduzido por *Você tem 500 anos de vida?* Ora, será que uma pessoa que usa uma palavra como *obnubilavam* ignora o sentido de *quinquenal*, relativo a 5 e não a 500 anos?

O tradutor também ignora certos aspectos culturais, o que acaba dando margem a soluções insatisfatórias na tradução. No sexto capítulo aparecem as citações de três personalidades norte-americanas: Charlton Heston, Billie Jean King e Jane Fonda (p. 89). Como a primeira e a terceira são artistas de cinema, o tradutor infere que a segunda – uma tenista consagrada – tam-

bém o seja, sem se preocupar em averiguar suas suposições. Assim, traduz *I like to play* por *Gosto de representar*, em vez de *Gosto de jogar*.

Também é evidente seu desconhecimento do vocabulário específico de certas áreas, como o da estrutura universitária americana: [...] *when I was a graduate student* (p. 7) aparece como [...] *quando eu estava na faculdade. Graduate*, na realidade, refere-se à pós-graduação e não à graduação. Além de outros erros semelhantes, num certo trecho aparece *college* (p. 172) duas vezes traduzido como *colegial*, erro inadmissível num tradutor profissional. Outra área desconhecida pelo tradutor é a do jogo de beisebol, fonte de numerosas expressões idiomáticas. Na página 274 lemos uma citação do produtor e empresário Mike Todd: *Remember, you can't steal second if you don't take your foot off first*. Tradução: *Você não roubará de novo se não mexer os pés primeiro*. Referências como essa permitem dois tipos de solução: 1. buscar uma equivalência semântica, ou seja, traduzir a citação dentro de seu contexto, incluindo mesmo a informação de que se trata de um jogo de beisebol: *Lembre-se, no beisebol, você não conseguirá chegar à segunda base se não tirar o pé da primeira*; 2. buscar uma equivalência pragmática, ou seja, aplicar o princípio da filtragem cultural. Dada a função basicamente interpessoal do texto, é plenamente justificável omitir-se neste caso o fato de se tratar de uma citação de Mike Todd e dizer simplesmente *Como se costuma dizer: 'Quem não arrisca, não petisca'*. Essas falhas certamente poderiam ter sido evitadas através de um trabalho de pesquisa.

Ainda dentro do aspecto cultural, podemos mencionar a postura do tradutor frente à figura da autora como mulher. O tradutor acaba se confundindo com a figura do leitor, e de um leitor que deixa transparecer sua rejeição pelos ensinamentos apresentados

na obra. Uma prova evidente dessa sua postura é a substituição sistemática do pronome *you*, dirigido diretamente ao leitor, pelo pronome *nós*, diluindo sua participação direta.

O modelo apresentado por Juliane House (2) permitiu uma avaliação objetiva de uma tradução e até possibilitou detectar traços pessoais do tradutor. O mais evidente é seu domínio passivo da língua inglesa, que se percebe pelo seu desconhecimento da linguagem coloquial e idiomática em oposição a um domínio da linguagem literária e do registro formal. E justamente esse aspecto formal, num sentido mais amplo, reflete uma pessoa de formação rígida, avessa a mudanças. Essa rigidez fica evidente na medida em que o tradutor deixa entrever que se exclui do processo de mudança preconizado pela autora. Tudo isso acarreta uma atitude negativa perante o texto, revelando uma falta de imparcialidade. Somase a isso seu desconhecimento de aspectos culturais básicos, agravado pelo fato de não pesquisar esses aspectos. Não se espera, obviamente, que o tradutor esteja familiarizado com todas as áreas do conhecimento humano, mas espera-se, isto sim, que esteja aberto ao aprendizado, pois o tradutor é, em última instância, um pesquisador.

A aplicação desse modelo não se restringe à avaliação de uma tradução. Pode – e deve – servir para conscientizar o tradutor de todas as dimensões inerentes ao ato tradutório, bem como do efeito que quaisquer incongruências nessas dimensões podem ter sobre a função básica do texto original.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) FILLMORE, C. J. *Innocence: a second idealization for linguistics*. Berkeley Linguistic Society, 1979.

- (2) HOUSE, J. *A model for translation quality assessment*. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1981.
- (3) KASSORLA, I. *Go for It!* New York, Dell Publishing Co., 1984.
- (4) \_\_\_\_\_. *Vá em frente*. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo, EPU, 1986.
1. Este trabalho foi originalmente apresentado no I Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas em 1986, quando a tradução do livro aqui analisado ainda era inédita
  2. Professora doutora, Departamento de Letras Modernas, Área de Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana, FFLCH-USP.
  3. Professor doutor, Departamento de Letras Modernas, Área de Língua e Literatura Alemã, FFLCH-USP